



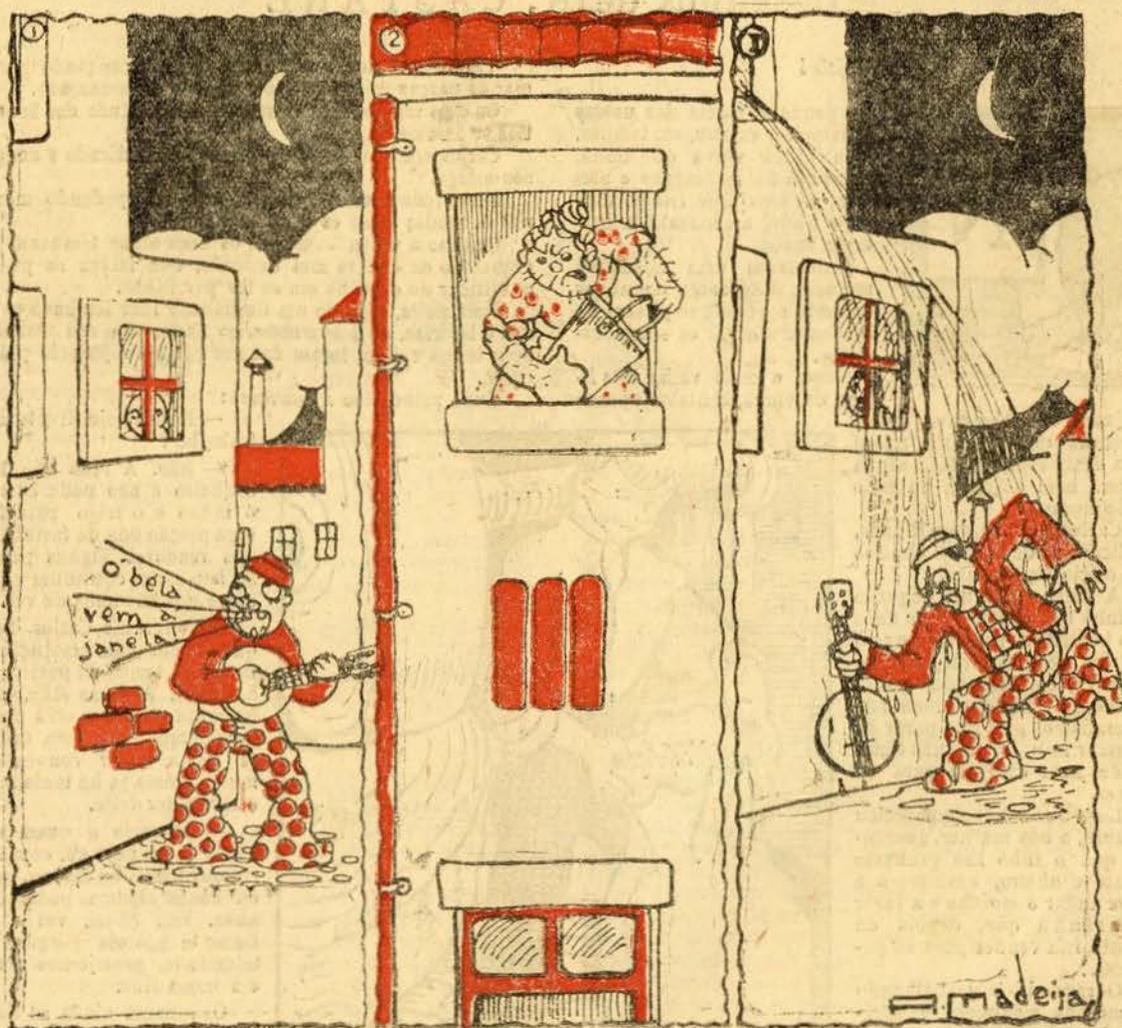
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

BANHO INESPERADO



Zé Belo, bem pouco belo
por sinal,
tal qual
um polichinelo,
põe-se a cantar à janela
da sua bela, que, ao vê-la
ninguém diria ser bela.

No melhor da bela festa,
toda lesta,
a mãe da dita donzela,
que tem um génio de trús,
maldizendo a cantoria,
vem espreitar à janela,
volta atrás e... catrapús...!

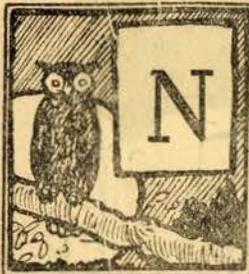
Vai buscar um balde d'água,
despejando um regador,
e, sem dó daquela mágoa,
traduzida em dó maior,
do seu andar, que era um quinto,
deixa o nosso trovador
encharcado como um pinto.



UMA NOITE DE TEMPESTADE

NOVELA INFANTIL
Por MIMI GRANDELLA
Desenhos de A. CASTANE

CAPITULO I



UMA pequena aldeia das nossas províncias, existiu, em tempos, uma aldeã viuva que tinha, como seu único amparo e alegria, os seus dois filhos, Carlos e Nuno, ambos ainda bastante novos.

Habitavam uma miserável moradia, desprovida do menor conforto e quasi que já sem telhas para abrigar os seus locatários.

Nuno, o mais velho dos filhos da viuva, contava apenas

17 anos e trabalhava, como aprendiz de mecânico, numa casa desta especialidade, ainda assim, bem afastada do sítio onde morava.

Carlos, o irmão, com 15 anos, dedicava-se de corpo e alma ao seu ofício de moleiro.

A viuva tinha um pequeno moinho que durante nove anos não trabalhou, pois logo que o Pai dos dois rapazes faleceu, a viuva, coitada, uma pobre doente, sofrendo atrocemente de reumatismo, teve que parar de fabricar farinha, pois não tinha saúde nem coragem para se mexer.

Logo que o Nuno completou 13 anos, a boa mulher, querendo que o filho lhe ganhasse algum dinheiro, ensinara-o a fazer andar o moinho e a fazer a farinha que, depois de pronta, iria vender para as padarias.

O rapaz lá ia trabalhando no moinho, mas pouco lhe agradava aquele género de serviço. O irmão, esse, a-pesar-de, nessa época, contar unicamente 11 anos, ouvia atentamente as explicações de sua Mãe e quando um belo dia ofereceram a Nuno um lugar numa oficina para aprendiz de mecânico e o rapaz aceitou, Carlos tomou, imediatamente, o lugar de moleiro que seu irmão deixara.

Desde essa data o filho mais novo da viuva desempenhava perfeitamente o seu ofício.

Trabalhava de manhã à noite, só descansando para tomar as parcas refeições que sua Mãe lhe arranjava.

Os dois irmãos davam-se bem, em virtude dos seus feitiços se assemelharem.

Carlos era inteligente, trabalhador, dedicado e amigo do seu amigo.

Nuno reunia os mesmos predicados, podendo mencionar-se ainda; o seu espírito delicado.

Quando a viuva os fitava, os seus olhos tomavam uma expressão de doçura mal definida, que talvez se pudesse qualificar de orgulho em os ter por filhos.

Uma noite, quando um lindíssimo luar banhava os prados e lezírias, os dois irmãos, ao findarem o seu trabalho e após terem ceado, foram dar um pequeno passeio pela aldeola.

Nuno principiou a conversa:

— Então hoje tiveste muito trabalho?

— Não. A Mãe não tinha dinheiro e não pude comprar o milho e o trigo para fazer uma porção boa de farinha que nos rendesse alguns patacos. Se isto assim continuar não sei como nos havemos de ver.

— Tens razão, Carlos. Temos que tomar uma resolução. Ou tu ou eu temos de partir para a cidade. A nossa Mãe, vejo-a bastante doente e será preciso sacrificarmo-nos para que ela se possa tratar convenientemente, como já há tanto tempo o devia ter feito.

— E' certo e quem deve partir és tu, pois eu, com o ofício que tenho, na cidade, pouco ou cousa alguma poderei ganhar. Vai, Nuno, vai e que Deus te proteja porque, protegendo-te, proteje-nos a mim e à nossa Mãe.

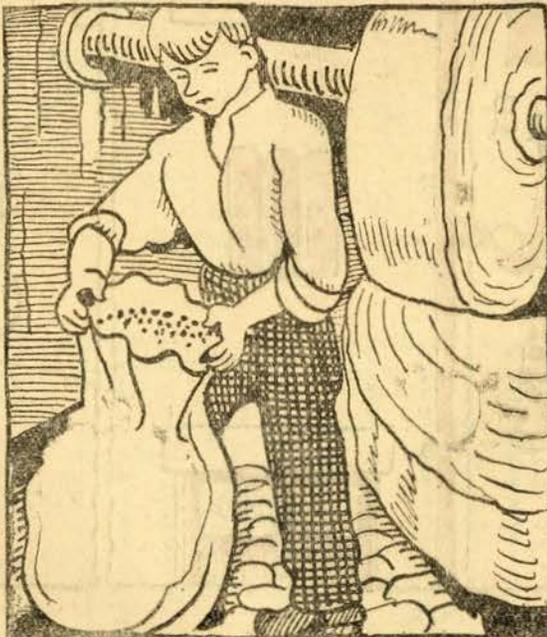
Os rapazes ainda se demoraram algum tempo fóra de casa e só voltaram daí a algumas horas.

A Mãe esperava-os sentada na sua cadeira de enteyada.

CAPITULO II

A manhã alvorecera triste, cheia de névoa, uma manhã verdadeiramente doentia.

Nuno devia partir nesse dia para a cidade e por tal



motivo andava nervoso, pois o pobre rapaz nunca saíra da sua insignificante aldeia.

Atordoava-o a ideia de se ver só, no meio de uma multidão indiscriminável de pessoas e viaturas, mas, corajosamente, ia arrastando com o peso dessa imaginação.

A pobre entrezada, farta de chorar e suplicar em vão para que ele não partisse, resignara-se, ante a enérgica decisão do filho, à hora da partida.

Carlos limpava, à socapa, lágrimas comprometedoras do seu amor fraternal.

Acompanhou o irmão em silêncio até à estação. Porém, quando o silvo sinistro do comboio se fez ouvir, Carlos rompeu em soluços, não podendo ocultar por mais tempo a sua desolação.

Logo que chegues escreve, não te esqueças, para eu e a Mãe ficarmos descansados.

Mais um abraço, mais um adeus e o comboio desapareceu numa curva da linha.

Com a cabeça pendida sobre o peito, Carlos, acabrunhado, principiou o caminho de casa.

Nuno, instalado num lugar de 3.ª classe, meditava na sua vida futura.

Como seria ela? Enigma.

O comboio corria veloz atravessando campos, pontes, estradas, etc.

Havia duas horas que o comboio saíra da pequena aldeola de Nuno.

O rapaz, com a fronte encostada ao vidro da janela, via aparecerem e desaparecerem diante da sua vista, lindas paisagens, túneis e infinitades de tantas outras coisas, que despertam a atenção e distraem o espirito.

Anoitecera rapidamente. Ao dia não se seguiu melhor noite. A tempestade que estava eminente desde manhã, apareceu ao findar da tarde.

A trovoada fazia-se ouvir com estampidos horríveis. Os relâmpagos iluminavam a linha toda. O comboio marchava ligeiro sob um perigo eminente.

De súbito, uma faísca, duma intensidade surpreendente, deixa os passageiros como que eletrizados. Ouve-se o ribombar e o comboio com o maquinista fulminado, prossegue, desavorado, na sua carreira.

Os passageiros loucos de aflição, esperam a todo o momento o desastre fatal.

De repente, sente-se um tremendo solavanco e o comboio, sem governo, despenha-se por uma ribanceira.

CAPITULO III

Havia dois meses que Nuno saíra da sua terra natal. Como todo o país tivesse conhecimento do grave desastre que se dera, provocado por uma noite de tempestade, a viuva e o filho mais novo, ambos inconsoláveis, vestiram-se rigorosamente de luto, pela perda de Nuno.

Entre as dezenas de feridos e mortos, alguns dos quais irreconhecíveis devido ao estado de mutilação em que os seus membros ficaram, a viuva e o filho, inconsoláveis tiveram de se vergar ante o destino por vezes tão cruel. Os jornais noticiavam as criaturas que se tinham salvo e as que estavam em perigo de vida. Na numerosa lista, o nome de Nuno não era mencionado. Não havia dúvidas possíveis, o rapaz era um dos desgraçados irreconhecíveis.

Dois meses decorreram após a catástrofe e ninguém mais viu um sorriso nos lábios da viuva, Carlos igualmente se mostrava constrangido, não arredando pé do moínho para qualquer passeio ou conversa.

Sem se modificarem as situações, passaram assim seis anos.

Carlos um moço perfeito, robusto e sadio, continua sendo o enlevo e amparo de sua Mãe. A pobre viuva, nesses seis anos que se passaram precipitados, sentira alívios para

os seus males, com um tratamento que seu filho lhe pagava a custo mas que a melhorara muitíssimo, chegando a conseguir pô-la de pé.

E assim com a sua triste sorte, lá iam vivendo estas duas criaturas, pouco bafejadas pela ventura.

CAPITULO IV

Um casal francês que já há anos residia em Portugal, um dia resolveu voltar ao seu país.

Riquíssimos e sem filhos, os franceses adoptaram um rapazito que inesperada e fantásticamente se cruzara no seu caminho. Partiram para França e o rapazito foi com eles.

Assim que chegaram a Paris, os esposos Alleaume instalaram-se no seu magnifico castelo, rodeado dum frondoso parque, pleno de artisticas estátuas, tais como Vénus de Milo, Agripina, a morte de Adónis, etc.

O castelo era a uns vinte quilómetros arredado de Paris. Portanto o sr. Alleaume tinha uma magnifica «conduite» que o transportava a Paris, todas as vezes que disso tinha necessidade.

Jacques, o filho adoptivo, ao qual puzeram um nome francês, pois que o pequeno em consequência de um grave ferimento no cérebro, perdera por completo a lembrança do seu passado, olhando o castelo e tudo o que elle encerrava de belo, com uma admiração espontânea.

Os esposos Alleaume sorriam benevolmente, às exclamações do pequeno.

Neste fausto se passaram assim alguns anos.

Jacques, agora um mancebo elegante e simpático, frequentava a Escola de Belas Artes francesa, onde, com afan, está terminando o seu curso de pintor aquarelista.

O sr. Alleaume, como o seu filho adoptivo tivesse necessidade de partir todos os dias para a cidade, comprou-lhe um automóvel pequeno, de dois lugares, de um estilo sóbrio de elegância.

Jacques amava apaixonadamente a sua arte. Vivia só e exclusivamente para ela. O seu temperamento artístico, fazia desse rapaz um sentimentalista.

Um dia, porém, atravessou-se no seu caminho uma pequena interessante, pouco vulgar, de tipo lusitano. Jacques viu-a e amou-a. Havia com tudo uma dificuldade, para que a pudesse receber por mulher.

Já tinha por mais duma vez ouvido a seus Pais que os Alleaume nunca consentiriam que os seus filhos casassem com estrangeiros.

Ora Rosita era portuguesa e elle francês. Com a voz um pouco alterada pela comoção, Jacques uma noite confessou aos Pais o seu ardente amor e a impossibilidade que elle antevia nessa ligação.

Os Pais ouviram-no atentamente e prometeram pensar no caso. No coração de Jacques appareceu uma pequenina esperança, tal qual como quando começam a despontar os primeiros raiozinhos da manhã.

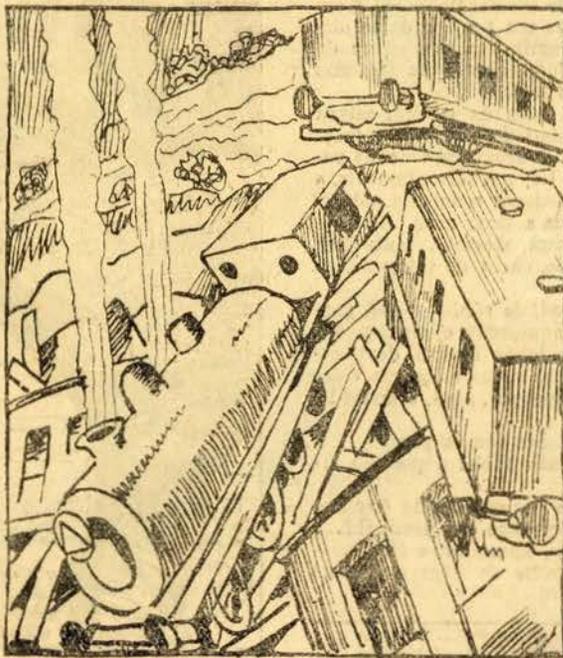
Os Alleaume antes de darem uma resposta definitiva a Jacques, pensaram seriamente no caso.

— Que dizes Laurence, confessamos-lhe a verdade?

— De forma alguma, meu bom Marc. O nosso pequeno não deverá jámais ter conhecimento da forma como o tornámos nosso filho. Sobre o casamento dele com a Rosa Guerreiro, acho que é um peso que nos fica na consciência se o profirmos de fazer essa ligação. Para nós é francês, mas para todos os efeitos português, visto ser o seu país Portugal.

— Temos portanto de lhe dizer que consentimos, visto

(Continua na página 6)



OS LOBOS

por JAMES BROOK
Desenhos de Castañé



A lareira ardia um fogo esperto. A chama, vermelhusca, contorcía-se em meneios de bailarina inspirada. De vez em quando, as achas empilhadas abriam, já meio cosidas pelo fogo e, então, era um faúlhar de scentelhas luminosas, uma chuva de oiro, um foguete de lágrimas em noite de arraial.

Em roda da lareira, estava sentada toda a família a fazer serão. A avózinha, rodeada pelos netos, contava histórias. O avô lia, pachorrentamente, o jornal e, ao lado, o filho, numa modorra sonolenta, olhava para a mulher que estava entretida a fazer meia. Uma velha criada fiava na roca. Uma outra, moçoila, juntava-se ao grupo da pequenada, escutando, cheia de interesse, as lindas histórias.

— Ora, sim senhor! — exclamou, de súbito, o avô, passando a mão pelas suissas esbranquiçadas e arredando o jornal. — Ora sim senhor! — Os lobos andam desaforados! — Diz aqui «O Século» que, só numa noite, em Valador, mataram doze ovelhas. Ao menos nós, aqui, estamos livres desta praga!

— Ó Avô! que são lobos? Os lobos comem gente?

— Pois tu andas na escola e não sabes o que são lobos?!

— Ora, tens cada uma! Pois o pequeno ainda êste ano entrou para a escola e nem sequer sabe ler ainda!?!... exclamou a avó em defeza do neto, ajuntando e dirigindo-se a êle: — Os lobos são uma espécie de cães mas mais



— Isso é bom de dizer! — disse o filho. A mãe bem sabe o que aconteceu ao Simeão!

— Conte, pai! Conte o que foi!

— A avózinha que conte, pois ela sabe contar isto melhor do que eu — disse êle rindo. — A pedidoda pequenada, ela começou:

— Uma vez, o Simeão — que era um companheiro de vosso pai no tempo em que êle, lá por causa de negócios andava por aí, por essas terras de Cristo, ao Deus-dará — uma vez o Simeão ia de noite por caminhos lá por meio de serranias, tencionando ir dormir a casa dum amigo que ficava num brejo distante, quando, adregou de encontrar o tal lobo. Êle sabia que os lobos rondavam lá por aqueles sítios e por isso ia já cheio de medo. A alturas tantas, apparecem-lhe, pela frente, no meio do mato aqueles dois olhos de fogo, muito espetados nele. Ficou sem pinga de sangue! Num repelão, puxou da pistola que êle nunca largava, e, começou a dar tiros contra a fera, à tóa, mas não o matou, não senhor! O bicho firma-se nas patas, dá um salto para a frente e êle, cheio de medo, tolhido, vê aquela bocarra, aqueles olhos, aquele corpo negro à sua beira; ouve-o rosnar e fica tão fóra de si que nem êle sabe como se achou empoleirado em cima duma árvore. Não ganhou para o susto. O lobo, cá de baixo, a uivar, a roncar furioso, agatanhando a árvore com as garras e a querer subir, a saltar!! Só quando começa a clarear, é que o bichoso foi embora!...

— Dizia o Simeão — ajuntou o pai — que foi o pior momento da vida dele.

— E a pistola? perguntou o mais velhito.

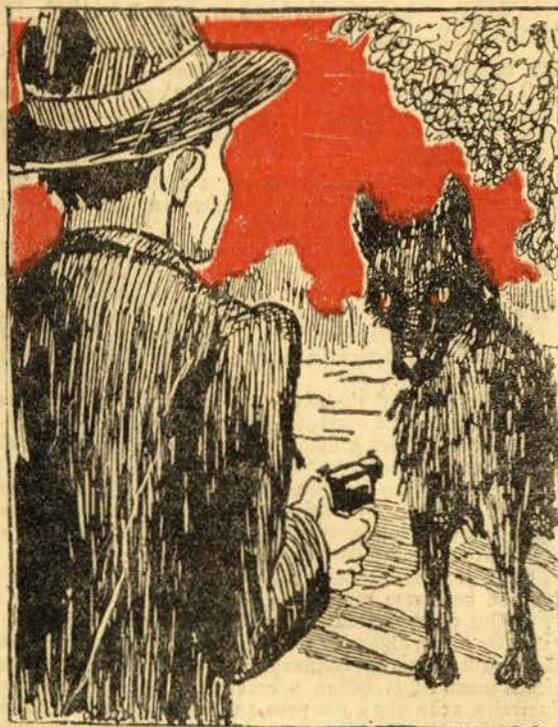
— Ora! deixou-a cair no chão, na corrida, com o susto.

— Não era valente, pois não, pai?

— Lá muito valente não foi, mas...

... mas eu queria ver os valentes naqueles sarilhos, — disse o pai, sorrindo-se da pergunta do filho.

— Ora, se fôsse valente! — fez o pequeno, num tregeito.



ruins, piores e que comem gente. Porém, como não são muito grandes, geralmente, um homem só, sendo destemido, chega bem para um.



—E o pai nunca viu lobos?—preguntou um outro filho.
— Já; por mal dos meus pecados! —Mas não tenho vontade de os tornar a ver.

— Ora conte! Ora conte!

— Não tem que contar — fez o pai um pouco arreliado.

— Eu conto, meus filhos! É um caso mais bonito que o outro... Bom susto tive eu quando o soube. Podes gabar-te —fez a velhinha, enternecida para o filho.

— Ora escutai. Uma vez, vosso pai vinha da casa dum conhecido, que ficava no alto dum monte e dirigia-se para o povoado que ficava distante um par de léguas. Demorara-se um pouco em casa do tal amigo, de modo que se lhe fez noite a meio do caminho. Foi andando, andando por meio de bouças, de mato, de pinheirais em que não se via viva alma. E a noite estava escura como breu. E nem um varapau ele trazia consigo.

— Isto aqui é tudo gente honrada — disse-lhe o tal conhecido — não há gatunagem. O que há de pior são os lobos. Mas indo lesto, chega cedo a Pisco, de modo que não encontra lobos. E para mais já há muito que se não ouve falar deles. E só lá pela noite alta é que eles andam. De dia têm medo das pessoas. Ele ainda quiz mandar um criado para o acompanhar mas vosso pai não quiz. E meteu-se a caminho. Fez-se noite e, de repente, no meio do caminho, apareceu-lhe um lobo, estacado no chão com os olhos a brilhar muito... O vosso pai não perdeu a coragem. Começou a dar berros e a bulir com os braços, pois tinham-lhe dito que, algumas vezes, os lobos espantavam-se com isso. Mas é o espantas!! O lobo não tugia nem mugia. E o vosso pai a dar berros para assustar o bicho e nada... De repente, o lobo dá de lá um roncamento muito forte, uma espécie de uivo, e corre sobre vosso pai. Ele, coitadinho, cheio de coragem, só teve tempo de estender os braços. O lobo salta-lhe em cima, põe-lhe as patas no peito, e ferra-lhe com tal gana no braço que furou o capote e chegou a ferir a carne. E para mais o capote era bem grosso. O vosso pai dá um passo atrás, dá um safanão com o braço e o lobo larga-o, forma outro salto, põe-lhe as patas sobre os ombros e procura cravar a dentuça no pescoço. O vosso pai aferra-se ao cachaço

com as duas mãos e aperta-o com toda a força, com muita força!!! Só lembrar o que podia suceder, faz arrepios!!! Mas o vosso pai apertou-lhe o cachaço com tal força que só o largou morto. Então, veio-lhe um tal frenezi por ele acima que se pôz a correr, como um doido, por aí fóra e só parou junto das casas. Ao outro dia foram procurar o lobo e encontraram-no morto.

A avózinha calou-se. Os pequenos, cheios de assombro e de entusiasmo, olhavam o pai. A mulher deixara de fazer meia e escutara a narração sorrindo embevecida para o marido. O avô olhava o filho com um sorriso contente. Um dos pequenos foi o primeiro a romper o silêncio.

— O pai não teve medo?!

O mais velho exclamou:

— O' avô! O pai é valente, ora não é?!...

— E', meu filho, é! Quando fôres grande, também has de ser assim!

— Ora, adeus! — exclamou o herói da façanha, contente, mas um quasi nada arreliado. Se fôsse mais do que um, ficava lá e é que ninguém me salvava. Foi sorte; ora aí está!

— O' pai!... Mas ao outro também foi só um?!

— Está bem! Está bem! São horas mas é de dormir!

— São horas, são! Já lá vão as dez e meia ha um rôr de de tempo! Amanhã, meus filhos, o vosso avô vai contar-vos umas histórias muito bonitas, que ele também tem muito que contar — falou a avózinha.

— Não haja dúvidas! Estais mal arrançados se vos pondeis a contar com as minhas histórias.

Isso é lá para a vossa avô! Ela é que sabe!... E a vossa mãe? Olhai que a mãe está tão calada... é porque sabe muitas! Pedi-lhe, a ela, andai, fazeis-vos finos!

— O' mãe?! Conta também amanhã, ora não conta?!?

— Conto, conto! E bem bonitas. Mas, agora, são horas de ir para a cama. Ora vamos lá!...

E assim acabou aquele serão.



UMA NOITE DE TEMPESTADE

(Continuação da página 3)

não termos os preconceitos dos nossos antepassados, não achas? perguntou Marc Alleaume a sua mulher.

— Exactamente, meu bom amigo.

Jacques recebeu a notícia com alvoroço. Para testemunhar bem o seu agradecimento, o rapaz ajoelhou-se em frente de seus Pais e beijou-lhes as mãos com a ternura própria de um filho reconhecido e dedicado.

CAPITULO V

O «Sud» entrou com garbo na estação do Rossio. Entre os passageiros que se apearam, saíu também uma família completa.

São eles: os esposos Alleaume, Jacques, sua mulher e seu filho.

Hospedaram-se no Palace Hotel por oito dias, após os quais partiram para uma terreola portuguesa, onde Jacques iria aproveitar as paisagens para fazer uma colecção de quadros, para uma exposição que brevemente seria inaugurada.

Havia já quinze dias que Jacques e sua família estavam instalados numa modesta czinha rústica.

O rapaz encantado com a natureza desta aldeiazinha, logo de manhã, muito cedo, levantava-se, pegava no seu cavalete e na caixa das tintas, e ei-lo pelas colinas e planícies escolhendo, no vasto álbum da natureza, uma imagem artística, que os seus pinceis reproduziriam fielmente.

E assim, esquecendo por vezes o mundo, absorvia-se na arte por longas horas.

Foi numa dessas manhãs de arte, quando Jacques pintava um cerro, belo na sua aridez, que Rosita e seu filho o vieram interromper em seu trabalho.

— Ouve Jacques, quando descansares de pintar, vamos dar uma voltinha pela aldeia, pois desde que cá estamos ainda não o fizemos.

— Se queres vamos agora. Já fazia tenção de terminar por hoje os meus trabalhos.

E os dois, enlaçados amorosamente e levando pela mão o pequenino Henrique, um esplêndido garoto de três anos, o enlevo de seus Pais, foram caminhando lentamente até ao centro da aldeia.

Aí, como Niquito pedisse a seu Pai um bôlo, Jacques entrou numa pequena mercearia para comprar bolachas.

Quando já se vinham embora com o filho, um camponês, ainda um homem novo, chamou o pequeno.

Como o garoto se mostrasse acanhado, não querendo obedecer ao chamamento, Jacques disse ao filho:

— Vai, anda, não sejas tontinho, meu filho. O homem não te faz mal.

Como Niquito ainda se conservasse retraído, Jacques pegou-lhe na mão e levou-o até junto do camponês.

— Como se chama, meu menino? perguntou o homem ao garoto.

O jóvem pintor apressou-se a responder pelo filho.

— Ainda não sabe dizer o nome, ou, se o diz, é tão atrapalhado que ninguém o percebe. Chama-se Henrique.

Pela fisionomia do camponês passou uma nuvem de tristeza.

— Tive um irmãozito que morreu e era tal qual a cara do menino. Que parecido é! Emfim, deixemos as tristezas e que Deus Nosso Senhor lho deixe criar para bem, disse o homem tirando uma chapelada e afastando-se.

Jacques contou a sua mulher a conversa do camponês e, a sorrirem-se, continuaram o seu passeio.

CAPITULO VI

— Mas diga o seu nome mul'herzinha! dizia já pela segunda vez o criado de Marc Alleaume.

— Não é preciso, meu senhor. Já lhe disse que, mesmo que o soubesse, não serviria para cousa alguma, visto ser a primeira vez que venho falar com o seu amo.

(Continua no próximo número)

TEATRO DE
FANTOCHES

CONCURSO
DE
PANTOMIMAS



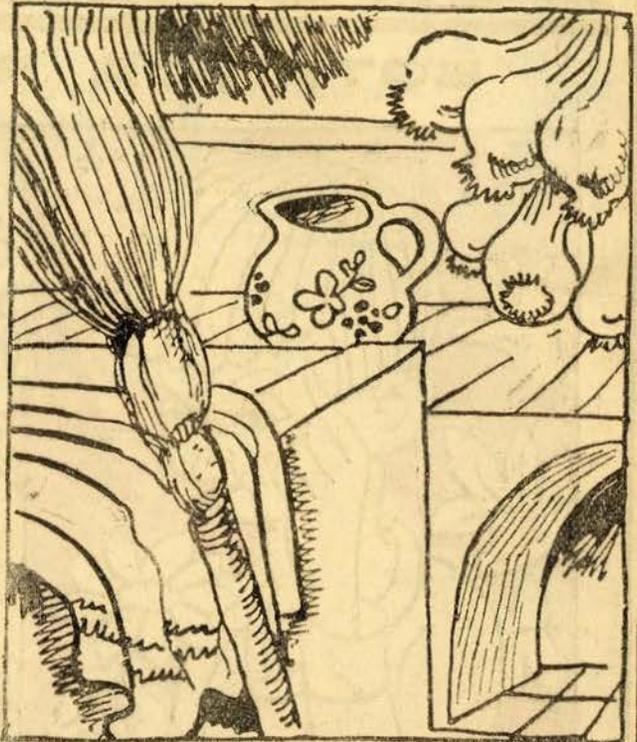
Feito o respectivo e consciencioso apuramento final do nosso *Concurso de Pantomimas*, após a selecção de originaes, foi pelo nosso júri conferido o primeiro prémio ao original *Tracalhices*, de autoria de Manoel Vieira Claro, de Vila Real.

Os originaes: — *Os patos do senhor Prior* de Sidério de Araújo Muralha, com 10 anos de idade, *Teatro de Fantoques* de Odette Passos de Saint Maurice e *Ai que sarilho* de Manuel Coelho Alcântara, obtiveram menções honrosas.

No próximo número será publicado o original *Tracalhices*.

A todos estes classificados pedimos o favor de nos enviarem os respectivos retratos e moradas.

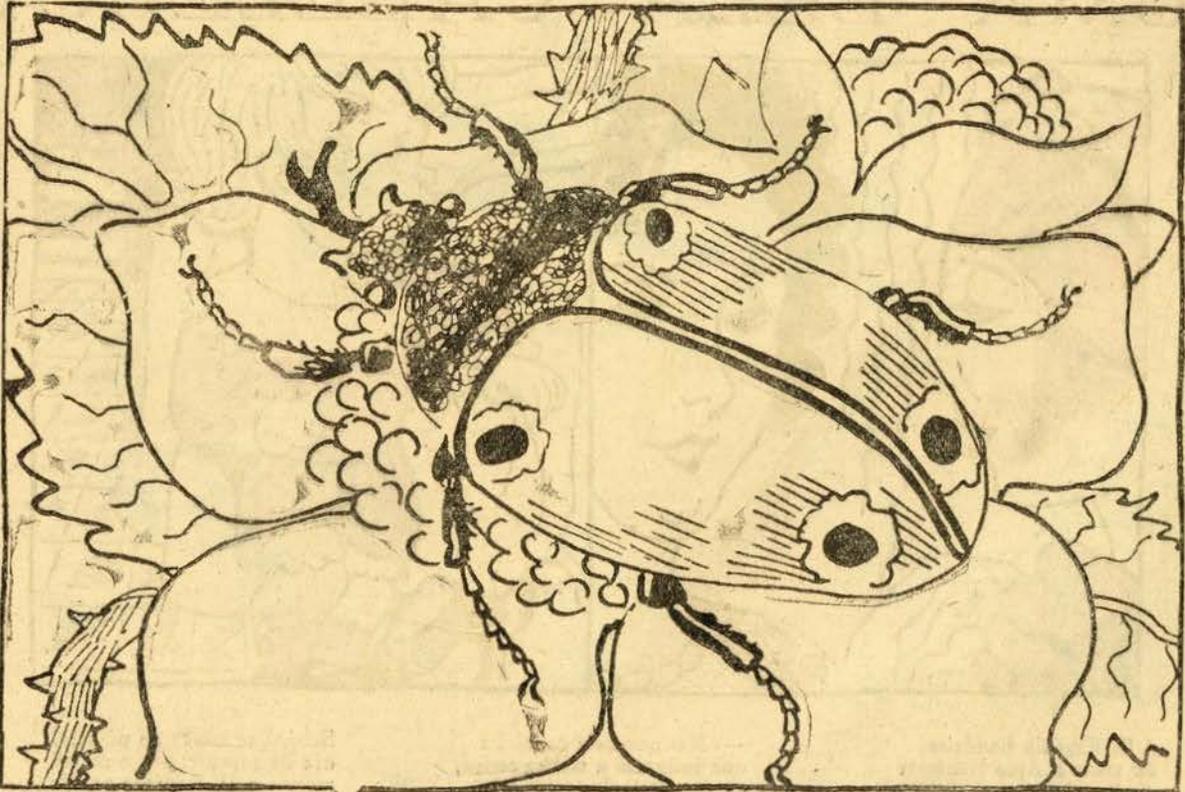
ADIVINHA



Meus meninos: — Este é o cantinho duma cozinha onde uma laboriosa cozinheira prepara o jantar duma numerosa familia.

Vejam se descobrem onde se encontra a cozinheira.

PARA OS MENINOS COLORIREM



DUAS ANEDOTAS

BOTÂNICA RECREATIVA



Pela Botânica o Quim tem grande predilecção, mal entra em qualquer jardim, indaga a designação de certas plantas... e, assim,

entrando, há dias, num certo jardim público e ao notar certa flôr — (a que mais perto ficava do seu olhar) — logo ao guarda, muito esperto,

pregunta sem mais falácias: — «Sôr guarda, diga-me cá que eu lhe darei muitas graças se esta flôr pertencerá à família das rosáceas?»

Entanto o guarda, — (um senho por sinal chamado Alipto) — responde com mau humor: — «não, meu menino, esta flôr só pertence ao Município.»

UMA BELA CABELEIRA



A D. Eugénia Bandeira, de visita a Alda Monforte diz-lhe, toda prazenteira sabendo ser o seu forte:

— «Mas que bela cabeleira que inda tem a minha amiga, eu já não tenho essa sorte; parece uma rapariga!»

Bébé, que estava ao pé dela, diz de repente: — «ó mamá mostra a D. Eugénia aquela que compraste esta manhã.»